

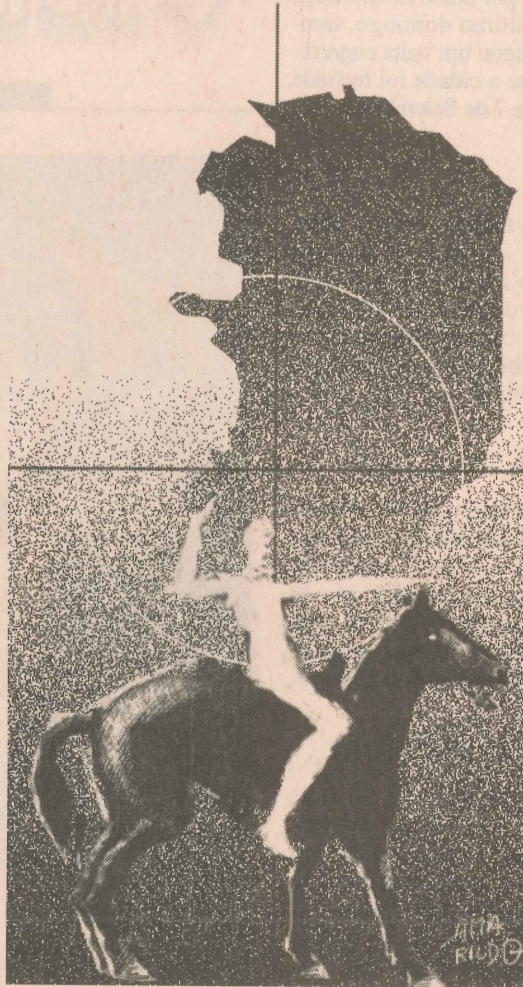
A construção de identidades

ROBERTO GARCIA SIMÕES

Nos últimos 30 anos, três passagens da história do Espírito Santo merecem ser destacadas na análise das singularidades que revestem os debates sobre a identidade estadual e do capixaba. No artigo publicado anteriormente, denominado "Capixaba não expressa identidade estadual", foram abordadas as influências do isolamento histórico do Estado e do processo de colonização nesses debates. Entre as três passagens mencionadas, inicia-se pela que influencia a identidade estadual a partir da posição do Espírito Santo no território nacional. Considerando a definição institucional das regiões geográficas no âmbito nacional, a indagação: ES - Sudeste ou Nordeste? expressa dilemas relevantes para a afirmação do Estado no território brasileiro. É importante ter presente o caráter das relações históricas de dependência que o Sul do Estado estabeleceu com o Rio de Janeiro e as disputas territoriais travadas com Bahia e Minas Gerais. Foi com a decisão de construção do Porto de Vitória, no limiar do início deste século, que foi aberta a possibilidade de se constituir, de fato, o território e a economia efetivamente estaduais, até então cindidos em regiões com elevado grau de autonomia.

Com a crise do café nos anos 60, a sociedade e a economia estaduais foram profundamente abaladas. A expressão "ES, Nordeste sem Sudene" ao mesmo tempo em que sintetizava as agruras e a magnitude da crise estadual indicava que a nossa situação sócio-econômica não era condizente com a inserção institucional na Região Sudeste. As percepções externas também indicavam uma posição desconfortável do Espírito Santo no âmbito nacional, servindo como referência para comparações e citações de cunho depreciativo. Paulo Francis, no livro "Trinta Anos esta Noite", coloca que: "Em 1963, numa escala de avião em Bangoc, puxei conversa com duas moças americanas, que me contaram ser secretárias em Toledo, Ohio. Fiquei imaginando quando secretárias de Vitória, Espírito Santo, poderiam ir à Tailândia de férias. Nem pela mão de Deus pai e nem com as excursões em moda".

As percepções externas ao Estado melhoraram a partir do desempenho econômico ocorrido na década de 80, em que pese ser forte a sensação interna de que nossa projeção nacional só ganha destaque a partir de situações negativas, a exemplo da morte de Araceli. Contudo, permanece em aberto a nossa identidade regional: Sudeste ou Nordeste? Neste momento, há um forte movimento político e de lideranças estaduais e do Norte para incluir na Sudene, em função da seca, a porção que vai do Rio Doce até o limite com a Bahia. Esta posição regional do Espírito Santo expressa uma difícil situação intermediária, pois nem compõe a força do



O AGROTURISMO PODE INDICAR UMA DAS POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO LOCAL

Sudeste nem participa da quase totalidade dos benefícios que são destinados ao Nordeste. Para o "Casseta e Planeta" "A única função do Espírito Santo é aumentar a distância entre o Rio e a Bahia". Para que a imagem do Espírito Santo seja refeita continua sendo imprescindível o estabelecimento de diferentes tipos de intercâmbios com os Estados vizinhos, o que vem sendo buscado pelo Governo do Estado. É interessante comparar esta atual posição locacional intermediária, e a sua imagem, com aquela do início do século, citada anteriormente, quando era acentuada a dependência cultural do Rio de Janeiro e a subordinação de parcela do espaço estadual ao controle político-administrativo da Bahia.

Nas propostas para a superação da crise dos anos 60 e do atraso econômico, a industrialização ganhou centralidade. Nos anos 70 vinhou a via de crescimento centrada nos grandes

projetos. Por se tratar de uma industrialização hipertardia, o ritmo, a intensidade e a concentração no tempo das transformações decorrentes, como a urbanização e a formação da Grande Vitória, exigiam um outro entendimento das mudanças e continuidades na cultura estadual e de suas regiões. Esta ruptura no processo de crescimento ao mesmo tempo em que criou as condições para projetar uma outra imagem do Espírito Santo, manteve, no entanto, a situação da não construção social da identidade do capixaba. É muito provável que as transformações decorrentes da industrialização tenham colocado um ponto final na possibilidade de se elaborar uma identidade estadual não-formal do capixaba.

De uma situação de isolamento, que durou mais de 300 anos, o Espírito Santo, neste século, vem intensificando as relações comerciais e procura ampliar a sua participação no processo de abertura da economia. Isso representa uma mudança significativa na trajetória histórica estadual. Uma outra região passa a ser constituída com o Corredor Centroleste, que promove uma interação do Espírito Santo com Minas Gerais, Goiás e Brasília, conectando-a ao mundo. Cresce a circulação de pessoas e, principalmente, de mercadorias abrangendo vários países e regiões. Reforça-se o histórico papel mercantil aliado à valorização do complexo portuário.

Diante deste quadro, e na ausência de uma identidade geral que expresse o Espírito Santo e o capixaba, é decisivo definir e dar um melhor tratamento ao conjunto de referentes culturais que são utilizados para apresentar e promover o Estado e os seus locais específicos. Entre os referentes relativos ao Espírito Santo, um dos únicos que procuram afirmar uma diferenciação é o dizemos em bom tom: "Moqueca é capixaba, o resto é peixada". O campo a ser coberto nesse tratamento dos referentes tem que ser abrangente: etnias, religiões, culinária, colonização...

No tocante aos locais e regiões estaduais, a proposta do agroturismo que está sendo implementada na região serrana pode estar indicando uma das possibilidades interessantes quanto à apresentação e promoção do "local": a recuperação atualizada da cultura e do modo de vida, forjados na unidade doméstica familiar quase autárquica do final do século passado, visando a ampliar as relações com o mercado mediante uma diferenciação da oferta de produtos e da atração de turistas.

Trata-se, portanto, de neste momento definir e elaborar identidades plurais, indo além da dimensão econômica, que possam referenciar a interação do local com o global, do Espírito Santo com o mundo. Este deve ser um ponto a ser valorizado na estratégia de desenvolvimento estadual e dos municípios.